







Michelle Obama

Minha história

TRADUÇÃO

Débora Landsberg

Denise Bottmann

Renato Marques



Copyright © 2018 by Michelle Obama

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Becoming

Capa
Christopher Brand

Foto de capa
Miller Mobley

Preparação
Ângelo Lessa
Sheila Louzada

Revisão
Jane Pessoa
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Obama, Michelle, 1964-
Minha história / Michelle Obama ; tradução Débora Landsberg.
Denise Bottmann, Renato Marques. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Objetiva, 2018.

Titulo original: Becoming.
ISBN 978-85-470-0064-6

1. Advogadas afro-americanas — Autobiografia 2. Cônjuges
de presidentes — Estados Unidos — Autobiografia 3. Obama,
Michelle, 1964- 1. Título.

18-20873 CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Autobiografia 920.72

Maria Paula C. Riyuzo — Bibliotecária — CRB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editoraoobjetiva
instagram.com/editora_objetiva
twitter.com/edobjetiva

*A todas as pessoas que me ajudaram a me tornar quem sou:
as pessoas que me criaram – Fraser, Marian, Craig – e minha enorme
família estendida, meu grupo de mulheres fortes que sempre me anima,
minha equipe leal e dedicada que sempre me deixa orgulhosa.*

*Aos amores da minha vida:
Malia e Sasha, minhas duas gotinhas preciosas,
minhas razões de viver,
e, por fim, Barack, que sempre me prometeu uma jornada interessante.*

Sumário

Prefácio.....	13
A HISTÓRIA COMEÇA.....	19
A NOSSA HISTÓRIA.....	125
UMA HISTÓRIA MAIOR.....	297
Epílogo.....	429
Agradecimentos.....	435
Créditos das imagens.....	439

Prefácio

Março de 2017

Quando eu era criança, tinha aspirações simples. Queria um cachorro. Queria uma casa com escada — dois andares para uma família. Por algum motivo, queria uma perua de quatro portas em vez do Buick de duas portas que era a menina dos olhos do meu pai. Eu falava para as pessoas que, quando crescesse, seria pediatra. Por quê? Porque adorava crianças pequenas e logo aprendi que a resposta era agradável aos ouvidos dos adultos. *Ah, vai ser médica! Boa escolha!* Na época, eu usava maria-chiquinha e vivia mandando no meu irmão mais velho, e não importava o que acontecesse, sempre tirava 10 na escola. Era ambiciosa, embora não soubesse muito bem qual era minha meta. Hoje em dia penso que essa é uma das perguntas mais inúteis que um adulto pode fazer a uma criança — *O que você quer ser quando crescer?* Como se crescer fosse algo finito. Como se a certa altura você se tornasse algo e ponto-final.

Até agora, fui advogada. Fui vice-presidente de um hospital e diretora de uma ONG que ajuda jovens a construírem uma carreira significativa. Fui estudante negra da classe trabalhadora em uma faculdade de elite de maioria branca. Fui a única mulher, a única afro-americana, em todos os tipos de ambientes. Fui a noiva, a mãe estressada de uma recém-nascida, a filha consternada pelo luto. E até pouco tempo atrás, fui a primeira-dama dos Estados Unidos da América — emprego que não é oficialmente um emprego, mas que

ainda assim me deu uma plataforma que eu jamais imaginaria. Ele me desafiou e me deu uma lição de humildade, me estimulou e me retraiu, às vezes tudo ao mesmo tempo. Só agora estou começando a processar o que aconteceu nesses últimos anos — do instante, em 2006, em que meu marido começou a falar em concorrer à presidência até a manhã fria de inverno quando entrei em uma limusine com Melania Trump, para acompanhá-la à posse do marido. Foi uma jornada e tanto.

Quando se é a primeira-dama, você enxerga os Estados Unidos em seus extremos. Fui a festas benéficas em casas que mais pareciam museus de arte, casas em que as pessoas têm banheiras feitas de pedras preciosas. Visitei famílias que perderam tudo no furacão Katrina e choravam de gratidão só por terem uma geladeira e um fogão funcionando. Conheci pessoas fúteis e hipócritas, mas também outras — professores, esposas de militares e tantas mais — cujas almas me surpreenderam pela imensidão e pela força. E conheci crianças — muitas, no mundo inteiro — que me fizeram rir e me encheram de esperança e, felizmente, conseguiram esquecer meu título depois que começávamos a remexer a terra de um jardim.

Desde que entrei, relutante, na vida pública, fui considerada a mulher mais poderosa do mundo e apontada como uma “mulher negra raivosa”. Queria perguntar aos meus detratores qual parte da expressão eles consideraram a mais relevante — “mulher”, “negra” ou “raivosa”? Sorri para fotos com gente que chamava meu marido de nomes horríveis em cadeia nacional, mas mesmo assim queriam uma lembrança emoldurada para pôr no console da lareira. Ouvi falar dos lugares lamacentos da internet que questionam tudo a meu respeito, até se sou homem ou mulher. Um congressista americano já fez piada da minha bunda. Fui magoada. Fiquei furiosa. Mas, acima de tudo, tentei rir dessas coisas.

Ainda não sei muito sobre os Estados Unidos, sobre a vida, sobre o que o futuro trará. Mas eu me conheço. Meu pai, Fraser, me ensinou a trabalhar duro, rir com frequência e cumprir com a minha palavra. Minha mãe, Marian, me ensinou a pensar com a minha própria cabeça e a usar minha voz. Juntos, no nosso apartamento apertado no South Side de Chicago, eles me ajudaram a enxergar o valor da nossa história, da minha história, da história mais ampla deste país. Mesmo quando não é bonita ou perfeita. Mesmo quando é mais real do que você gostaria que fosse. Sua história é o que você tem, o que sempre terá. É algo para se orgulhar.

Durante oito anos morei na Casa Branca, lugar com um número incontável de escadas — além de elevadores, uma pista de boliche e um florista. Dormia em uma cama com lençol de linho italiano. Nossas refeições eram preparadas por uma equipe de chefs de nível internacional e servidas por profissionais mais bem treinados do que os de qualquer restaurante ou hotel cinco estrelas. Agentes do Serviço Secreto, com seus fones de ouvido, suas armas e expressões intencionalmente neutras, ficavam diante de nossas portas, fazendo o possível para manter distância da vida particular da nossa família. De certo modo, acabamos nos acostumando com isso — com a estranha grandiosidade da nossa nova casa e também com a presença constante, embora silenciosa, de outras pessoas.

Era na Casa Branca que nossas duas meninas jogavam bola nos corredores e subiam nas árvores do Gramado Sul. Era onde Barack se sentava tarde da noite, estudando informes e rascunhos de discursos na Sala dos Tratados, e onde Sunny, um dos nossos cachorros, às vezes fazia cocô no tapete. Eu podia ficar na Varanda Truman observando os turistas posando com seus paus de selfie e espiando pela cerca de ferro, tentando imaginar o que acontecia lá dentro. Em certos dias me sentia sufocada pelo fato de nossas janelas precisarem ficar fechadas por segurança, de que eu não podia tomar um ar fresco sem gerar alvoroço. Havia momentos em que ficava boquiaberta com as magnólias brancas que floresciam do lado de fora, a agitação cotidiana dos assuntos do governo, a grandiosidade das boas-vindas militares. Havia dias, semanas, meses em que odiava política. E havia momentos em que a beleza do país e de seu povo me deixava tão absorta que eu nem sequer conseguia falar.

E então acabou. Mesmo já esperando por isso, mesmo que as últimas semanas tenham sido cheias de despedidas emotivas, o dia em si ainda é um borrão. A mão sobre a Bíblia; o juramento repetido. A mobília de um presidente é retirada enquanto a do outro chega. Closets são esvaziados e reabastecidos em poucas horas. De repente, há novas cabeças em novos travesseiros — novos temperamentos, novos sonhos. E quando termina, quando você sai pela última vez de um dos endereços mais famosos do mundo, é preciso, sob muitos aspectos, se encontrar outra vez.

Então vamos começar por aqui, por uma coisinha que aconteceu não faz muito tempo. Eu estava na casa de tijolos vermelhos para a qual nos mudamos recentemente. Nossa casa nova fica a cerca de três quilômetros da antiga, em

uma rua residencial tranquila. Ainda estamos nos acomodando. Na sala de estar, nossos móveis foram dispostos como na Casa Branca. Temos recordações espalhadas pela casa, nos lembrando de que foi tudo verdade – fotos das nossas férias em família em Camp David, vasos feitos à mão por estudantes indígenas, um livro autografado por Nelson Mandela. O esquisito dessa noite foi que não havia ninguém em casa. Barack estava viajando. Sasha tinha saído com os amigos. Malia está morando e trabalhando em Nova York, terminando o ano sabático antes de começar a faculdade. Éramos só eu, nossos dois cachorros e uma casa silenciosa, vazia, algo que eu não via havia oito anos.

E eu estava com fome. Saí do quarto e desci a escada com os cachorros no meu encalço. Na cozinha, abri a geladeira. Achei um saco de pão, peguei duas fatias e as coloquei no forno elétrico. Abri o armário e peguei um prato. Sei que é esquisito, mas esse momento – de tirar um prato do armário da cozinha sem antes alguém insistir em pegá-lo para mim e ficar parada sozinha vendo o pão tostar no forninho – me pareceu o que há de mais próximo de uma retomada da minha antiga vida. Ou talvez seja minha nova vida começando a se anunciar.

No fim das contas, não fiz só uma torrada; fiz queijo quente, pondo as fatias de pão no micro-ondas e derretendo uma massa pegajosa e gordurosa de cheddar no meio delas. Depois, levei o prato para o quintal. Não precisava dizer a ninguém aonde estava indo. Simplesmente fui. Estava descalça, de shorts. O frio do inverno havia enfim se dissipado. Os crocos começavam a irromper dos canteiros junto ao muro dos fundos. O ar cheirava a primavera. Sentei-me na escadinha da varanda, sentindo o calor de um dia inteiro de sol ainda na ardósia sob meus pés. Um cachorro começou a latir em algum lugar distante, e meus cachorros prestaram atenção, confusos por um instante. Foi então que me passou pela cabeça que aquele era um barulho surpreendente para eles, pois não tínhamos vizinhos, muito menos cachorros vizinhos, na Casa Branca. Para eles, tudo era novidade. Enquanto os cães exploravam o quintal, eu comia meu queijo quente no escuro, me sentindo sozinha da melhor maneira possível. Minha cabeça não estava no grupo de guardas armados a menos de cem metros de mim, no posto de comando construído especialmente para a nossa garagem, ou no fato de que ainda não posso andar na rua semseguranças. Não estava pensando no novo presidente nem no antigo presidente.

Na verdade, estava pensando que dali a alguns minutos eu voltaria para dentro de casa, lavaria o prato na pia e iria para a cama, e talvez abrisse a janela para sentir o ar da primavera — que glória seria! Também estava pensando que aquele sossego me oferecia a primeira oportunidade verdadeira de refletir. Quando era primeira-dama, eu chegava ao fim de uma semana movimentada precisando que me lembressem como ela havia começado. Mas a noção de tempo está começando a ficar diferente. Minhas meninas, que chegaram à Casa Branca com bonecas, uma cobertinha de estimação e um tigrinho de pelúcia chamado Tiger agora são adolescentes, jovens com planos e vozes próprias. Meu marido está se adaptando à vida depois da Casa Branca, recuperando o fôlego. E aqui estou eu, nesse lugar novo, com vontade de falar muita coisa.

A HISTÓRIA COMEÇA

1

Passei boa parte da infância escutando o som do esforço. Chegava a mim sob a forma de música ruim, ou pelo menos amadora, atravessando as tábuas do assoalho do meu quarto — o *plim-plim-plim* dos alunos sentados no andar de baixo, diante do piano da minha tia-avó Robbie, aprendendo as escalas devagar e com muitos erros no caminho. Minha família vivia no bairro South Shore, em Chicago, em uma construção de tijolos que era de Robbie e de seu marido, Terry. Meus pais alugavam o apartamento do segundo andar e Robbie e Terry moravam no primeiro. Robbie era tia da minha mãe e foi muito generosa com ela ao longo dos anos, mas comigo era um terror. Empertigada e séria, ela dirigia o coro da igreja local e também era a professora de piano oficial da nossa comunidade. Usava saltos confortáveis e mantinha o par de óculos de leitura em uma correntinha em volta do pescoço. Tinha um sorriso maroto mas, ao contrário da minha mãe, não gostava de sarcasmo. Às vezes, eu a ouvia dando bronca nos alunos por não terem praticado o suficiente ou até nos pais, por chegarem atrasados com os filhos para as aulas.

“Boa noite!”, exclamava ela no meio da tarde, no mesmo tom exasperado que outra pessoa diria “Ah, pelo amor de Deus!”. Parecia que poucos conseguiam corresponder às expectativas de Robbie.

Mas o som das pessoas tentando tocar piano virou a trilha sonora da nossa vida. Havia *plim-plim* à tarde, *plim-plim* à noite. As senhoras da igreja às vezes iam ensaiar os hinos, entoando a devoção através das paredes. Segundo

as normas de Robbie, crianças que faziam aulas de piano só podiam trabalhar uma música por vez. Do meu quarto, eu as ouvia tentando, notas e mais notas incertas, conquistar a aprovação dela, passar da canção de ninar folclórica "Hot Cross Buns" para a de Brahms, mas só depois de inúmeras tentativas. A música nunca era irritante, apenas persistente. Galgava a escada que separava nosso espaço do de Robbie. Entrava pelas janelas abertas no verão, acompanhando meus pensamentos quando eu brincava com as minhas Barbies ou construía pequenos reinos com bloquinhos de montar. A única trégua era quando meu pai chegava do turno matinal na estação de tratamento de água da cidade e sintonizava na TV um jogo de beisebol dos Cubs, aumentando o volume o suficiente para não ouvir o piano.

Era o finzinho da década de 1960 no South Side de Chicago. Os Cubs não eram ruins, mas também não eram bons. Eu me sentava no colo do meu pai, na cadeira reclinável dele, e o ouvia contar que os Cubs estavam sofrendo uma crise de fim de temporada ou dizer que Billy Williams — que morava na Constance Avenue, esquina com a nossa rua — dava ótimas tacadas no lado esquerdo da base. Fora dos estádios de beisebol, os Estados Unidos estavam no meio de uma mudança gigantesca e duvidosa. Os Kennedy tinham morrido. Martin Luther King Jr. fora assassinado em uma sacada em Memphis, desencadeando motins país afora, inclusive em Chicago. A Convenção Nacional Democrata de 1968 se transformou em um banho de sangue quando a polícia atacou os manifestantes contrários à Guerra do Vietnã com bastões e gás lacrimogêneo em Grant Park, a uns quinze quilômetros da nossa casa. Nesse ínterim, famílias brancas deixavam a cidade aos bandos, seduzidas pelos subúrbios — a promessa de escolas melhores, mais espaço e provavelmente mais branura também.

Na verdade, não absorvi nada disso. Eu era apenas uma criança, uma menina que brincava com Barbies e bloquinhos de montar, com os pais e com um irmão mais velho que dormia sempre com a cabeça a um metro da minha. Minha família era o meu mundo, o centro de tudo. Minha mãe me ensinou a ler cedo — me levava à biblioteca pública e se sentava a meu lado enquanto eu pronunciava as palavras em cada página. Todo dia meu pai ia trabalhar com o uniforme azul de funcionário municipal, mas à noite nos mostrava o que era amar o jazz e a arte. Quando menino, ele teve aulas no Instituto de Arte de Chicago, e no ensino médio pintava e esculpia. Nessa época também foi

nadador e boxeador, competindo pela escola. Quando adulto, tornou-se fã de todos os esportes televisionados, de golfe profissional à Liga Nacional de Hóquei. Gostava de ver pessoas fortes se sobressaírem. Quando meu irmão, Craig, se interessou por basquete, meu pai passou a colocar moedas na moldura da porta da cozinha, incentivando-o a saltar para pegá-las.

Tudo o que tinha importância ficava a no máximo cinco quarteirões dali — meus avós e primos, a igreja na esquina onde não frequentávamos regularmente a escola dominical, o posto de gasolina onde minha mãe me mandava comprar um maço de Newports, e a loja de bebidas, que também vendia pão Wonder, bala barata e galões de leite. Nas noites quentes de verão, Craig e eu cochilávamos ao som dos jogos de softball da liga adulta que aconteciam no parque público próximo dali, o qual visitávamos de dia para subir no trepa-trepa do parquinho e brincar de pega-pega com as outras crianças.

Craig é menos de dois anos mais velho que eu. Ele tem o olhar afável e o jeito otimista do meu pai, mas a inflexibilidade da minha mãe. Sempre fomos próximos, em parte graças à dedicação inabalável e um tanto inexplicável que ele pareceu sentir pela irmã caçula desde o início. Existe uma foto antiga da família, em preto e branco, de nós quatro sentados no sofá, minha mãe sorridente ao me segurar em seu colo, meu pai sério e orgulhoso com Craig no seu. Estávamos vestidos para ir à igreja ou talvez a um casamento. Eu tinha uns oito meses, uma menina de cara fechada e rosto gorducho, de fralda e vestido branco passado, pronta para escapar das garras da minha mãe, o olhar fixo na câmera como se fosse comê-la. A meu lado está Craig, todo arrumado, de gravatinha-borboleta e paletó, a expressão séria. Ele tinha dois anos e já era o retrato da vigilância e da responsabilidade fraternal — o braço esticado até o meu, os dedos fechados em torno do meu punho gordinho em um gesto protetor.

Na época em que a foto foi tirada, morávamos no mesmo andar dos meus avós paternos em Parkway Gardens, um conjunto habitacional de prédios modernistas a preço acessível no South Side de Chicago. Construído na década de 1950 e planejado para ser um edifício em cooperativa, em que não se tem de fato a escritura da casa, apenas ações da empresa que lhe permite morar nela, tinha o intuito de amenizar a escassez de moradia para famílias negras da classe trabalhadora depois da Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, ficaria deteriorado sob o jugo da pobreza e da violência das gangues,

virando um dos lugares mais perigosos da cidade. Muito antes disso, porém, quando eu era pequena, meus pais — que se conheceram na adolescência e se casaram com vinte e poucos anos — aceitaram a oferta de se mudar alguns quilômetros mais ao sul, para a casa de Robbie e Terry, que ficava numa área mais bacana.

Na Euclid Avenue, éramos duas famílias vivendo sob um teto não muito grande. A julgar pela planta, o segundo andar provavelmente fora projetado como um anexo para uma ou duas pessoas, mas nós quatro achamos um jeito de caber ali dentro. Meus pais dormiam no único quarto, Craig e eu dividíamos uma área mais ampla que imagino ter sido concebida como sala de estar. Mais tarde, quando crescemos, meu avô — Purnell Shields, pai da minha mãe, um apaixonado por carpintaria, apesar de não muito habilidoso — levou uns painéis de madeira baratos e improvisou uma divisória que separava o ambiente em dois espaços semiprivados. Acrescentou uma porta sanfonada de plástico a cada ambiente e criou uma pequena área comum na frente, onde guardávamos brinquedos e livros.

Eu adorava meu quarto. Tinha espaço suficiente para minha cama de solteiro e uma escrivaninha estreita. Deixava meus bichinhos de pelúcia na cama, arrumando todos meticulosamente em volta da minha cabeça à noite como uma forma de ritual reconfortante. Do outro lado da parede, Craig vivia uma espécie de existência espelhada, sua cama junto ao painel, paralela à minha. A divisória era tão fina que conseguíamos conversar deitados na cama, muitas vezes jogando uma bola de meia de um lado para outro pelo vão de 25 centímetros entre a divisória e o teto.

Tia Robbie, por sua vez, fazia de sua parte da casa um mausoléu, a mobília coberta por plástico protetor, um material frio que grudava nas minhas pernas nuas quando eu tinha coragem de me sentar. As prateleiras eram cheias de bibelôs de porcelana que não podíamos tocar. Eu deixava minha mão pairar sobre um conjunto de poodles de vidro com expressões dóceis — uma mãe de aparência delicada e três filhotes minúsculos — e depois a retirava, com medo da ira de Robbie. Quando não havia aula de piano, o primeiro andar era tomado por um silêncio mortal. A TV e o rádio nunca eram ligados. Não sei nem se os dois conversavam muito ali embaixo. O nome completo do marido de Robbie era William Victor Terry, mas por alguma razão só o chamávamos pelo último sobrenome. Terry era como uma sombra, um homem de aparência

distinta que usava terno completo todos os dias da semana e basicamente não falava nem uma palavra.

Passei a considerar o andar de cima e o de baixo dois universos diferentes, governados por sentimentos opostos. No andar de cima, fazíamos o maior barulho sem nos preocupar. Craig e eu jogávamos bola e corríamos pelo apartamento. Borrifávamos lustra-móveis no assoalho de madeira do corredor para deslizar com as meias, muitas vezes batendo nas paredes. Lutávamos boxe na cozinha, usando pares de luvas que meu pai nos dera de Natal junto com instruções personalizadas de como dar um jab certeiro. À noite, em família, jogávamos jogos de tabuleiro, contávamos histórias e piadas e escutávamos discos do Jackson 5. Quando ficava insuportável para Robbie, ela ia até o interruptor e ficava acendendo e apagando a luz da escada que compartilhávamos e que também controlava a lâmpada do corredor do segundo andar — era seu jeito educado de pedir que parássemos com o barulho.

Robbie e Terry eram mais velhos. Cresceram em outra época, com preocupações diferentes. Viram coisas que nossos pais não viram — coisas que Craig e eu, aquelas crianças barulhentas, nem imaginávamos. Essa é uma versão do que minha mãe dizia quando nos irritávamos com o mau humor do andar de baixo. Mesmo não conhecendo o contexto, éramos instruídos a lembrar que ele existia. Todos os habitantes da Terra, diziam-nos eles, carregavam uma história invisível, e só por isso já mereciam tolerância. Muitos anos mais tarde eu ficaria sabendo que Robbie havia processado a Universidade Northwestern por discriminação, pois se inscrevera para participar de uma oficina de coral na faculdade em 1943 e lhe negaram um quarto no dormitório feminino. Fora instruída a se hospedar em uma pensão na cidade — um lugar “para gente de cor”, lhe explicaram. Já Terry tinha sido assistente de vagões em uma das linhas férreas noturnas que chegavam e saíam de Chicago. Era uma profissão respeitável, mas não muito bem remunerada, composta totalmente de homens negros que mantinham o uniforme imaculado enquanto arrastavam malas, serviam refeições e atendiam às necessidades dos passageiros, inclusive engraxando seus sapatos.

Anos depois de se aposentar, Terry ainda vivia em um estado de formalismo entorpecido — impecavelmente vestido, levemente subserviente, nunca se afirmando de forma alguma, pelo menos até onde eu soubesse. Era como se tivesse renunciado a uma parte de si como forma de perseverar. Eu o

observava aparar a grama no calor do verão calçando sapatos sociais, usando suspensório e um chapéu de feltro de aba curta, as mangas da camisa arregadas com zelo. Ele se permitia fumar exatamente um cigarro por dia e tomar exatamente um coquetel por mês, quando, mesmo assim, não se soltava como o meu pai e a minha mãe depois que tomavam um drinque ou uma cerveja, o que faziam algumas vezes por mês. Parte de mim queria que Terry falasse, que desabafasse os segredos que carregava. Eu imaginava que ele tinha várias histórias interessantes sobre as cidades que visitara e sobre o comportamento dos ricos nos trens, ou talvez não tivesse. Por algum motivo, ele nunca falava.

Eu tinha uns quatro anos quando resolvi aprender a tocar piano. Craig, que estava no primeiro ano, já visitava o andar de baixo para tomar aulas semanais no piano vertical de Robbie e voltava relativamente ilesa. Achei que estava pronta. Estava convicta de que, na verdade, já tinha aprendido piano por osmose — aquelas horas todas ouvindo as outras crianças tateando canções. A música já estava na minha cabeça. Eu só queria descer e demonstrar à minha exigente tia-avó que eu era uma menina muito talentosa, que não seria preciso esforço algum para me tornar sua melhor aluna.

O piano de Robbie ficava em um quartinho nos fundos da casa, perto da janela que dava para o quintal. Ela deixava um vaso de planta em um canto do cômodo e no outro uma mesa dobrável onde os alunos podiam preencher partituras. Durante as aulas, Robbie se sentava de coluna ereta em uma cadeira estofada de encosto alto, marcando o ritmo com um dedo, a cabeça erguida enquanto ficava atenta a qualquer erro. Eu tinha medo de Robbie? Não exatamente, mas algo nela era amedrontador: ela representava a autoridade rigorosa com que eu ainda não tinha me deparado em nenhum outro lugar. Exigia excelência de todas as crianças que se sentavam ao piano. Eu a enxergava como alguém a conquistar, ou talvez, de alguma forma, a vencer. Com ela, eu sempre sentia que tinha algo a provar.

Na minha primeira aula, minhas pernas pendiam do banco, curtas demais para eu pisar no chão. Robbie me deu um livro de atividades básico, que me fascinou e me mostrou a forma certa de posicionar as mãos sobre as teclas.

“Muito bem, preste atenção”, disse ela, me repreendendo antes de sequer começarmos. “Ache o dó central.”